

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO CONTO “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: DESVELANDO A FICÇÃO- REALIDADE DO CORPO DA MULHER NEGRA.

Samira dos Santos de Jesus¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como escopo fazer a leitura de Conceição Evaristo, especificamente no conto “Maria”, Olhos D’Água (2014), identificando as violências apresentadas e representadas pela literatura em uma leitura atual de mundo e da sociedade. Investigamos como a autora apresenta um cenário de violência entrecortado por questões raciais e de gênero, tendo, no protagonismo das suas personagens mulheres e negras, a audiência por tanto tempo negada no espaço literário. Para tanto, recorreremos a autores que pensam a negritude no corpo da mulher, como a Djamila Ribeiro (2017), em outro ponto Bordieu (1996), que contribui sensivelmente na problematização da literatura enquanto espaço de poder e em certa medida Orlandi (2005) ao tratar da memória e historicidade presentes no interdiscurso. Evaristo, dessa forma, se consolida como uma voz que desvela a ficção-realidade no corpo da mulher negra, ultrapassando e atualizando a percepção da violência na literatura e na sociedade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia utilizada consiste na pesquisa bibliográfica dos autores que conversam com o corpus de análise do presente trabalho. Djamila (2017)

1 Graduada do Curso de Letras/Português da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, samiradejesus@hotmail.com ;

quando traz à luz a duplicidade de preconceito sobre o corpo da mulher negra, Bourdieu (1996) ao tratar dos espaço de poder, incluindo assim a literatura e Orlandi (2005) no que toca o discurso, que aqui é o da Conceição Evaristo, seus ditos e não ditos, construções presentes no interdiscurso que aparecem no discurso. O objeto de análise restringe-se a um conto de Conceição Evaristo, no entanto, as conclusões alcançadas através dos autores citados podem ser identificadas por toda a sua obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conceição Evaristo estreou na literatura nos anos 90, em Cadernos Negros, construindo um longo percurso de escrita sobre a realidade afro-brasileira, com a inevitável representação da violência que atinge esses corpos. A violência nas obras de Evaristo vem através do desvelamento da pobreza, racismo, machismo, sexismo, violência de gênero, violência estrutural, violência religiosa. Em grande parte da sua literatura a evidência está nas relações de gênero existentes na sociedade, sobretudo sobre a mulher negra, escolha temática que sinaliza o peso duplo da violência sobre o corpo dessa mulher.

Uma característica forte da autora é a nomeação dos contos com o nome dos seus protagonistas, para além da sua autodefinição enquanto contadora de histórias, Evaristo traz para o centro da sua narrativa homens e mulheres negras, mendigos, favelizados, trabalhadores marginalizados, crianças negligenciadas, em uma clara intencionalidade de dar-lhes permissão para escrever e falar. Essa construção presente na maioria das suas obras e que se repete no conto em análise desvela a primeira violência pontuada por esse trabalho, o apagamento das vozes negras, da sua história, nomeá-los é resgatar a sua identidade.

Fanon já ponderava que “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, pg. 33), um homem que possuísse a linguagem possuía também o mundo que essa linguagem expressa. A narradora onisciente fala sobre Maria, fala da sua (in)existência.

Bourdieu (1996) lembra a importância da conquista de lugar, espaço, fala, narrativa, afirmação de identidade, em que o campo literário se apresenta como mais um espaço de poder para tal, uma noção valorativa de obras e autores, um universo onde existir seria deferir. Para o sociólogo, o campo literário seria um espaço formado por literatos que possuem relações mútuas e com o campo de poder. Dessa forma, Evaristo se apodera desse campo, rompendo com o padronizado enquanto produção literária válida até então,

majoritariamente branca e masculina, ao mesmo tempo por ser uma autora negra e por nomear seus protagonistas, também negros.

Maria, em destaque nesse trabalho, é uma mulher negra, pobre e mãe solo, e aqui cabe mais uma interseccionalidade importante, o gênero. A descrição da violência no conto aparece diretamente relacionada a realidade da população negra com a construção de um cenário em que os personagens são tão marginalizados e violentados no dia a dia que, embrutecidos, chegam também a violar os seus, e mais profundamente surge sobre o corpo da mulher negra, Maria.

A violência na evolução da narrativa aparece não só na construção da cena em si, mas em toda a escolha dos termos para indicar como essa violência se enuncia e atravessa o corpo feminino negro: “Putá”, Negra safada”. A identidade da mulher negra segundo essa adjetivação chega antes mesmo da própria mulher, emudecendo-a, calando-a: “Olha só, a negra ainda é atrevida... Lincha! Lincha! Lincha!” (EVARISTO, 2014, pg 26).

As referências feitas a Maria, acusada de ser cúmplice do seu ex companheiro em um assalto ao ônibus que estava, mostra a forma do discurso que ignora e reduz a sua existência, perpetrada por homens, muito provavelmente negros e subalternizados, em uma reprodução do que a sociedade reserva também a esses homens.

Orlandi diz que a formulação, ou seja, o que estamos dizendo no momento dado (intradiscurso), é o resultado da relação com o interdiscurso, que se define como um conjunto de formulações feitas, já ditas e até esquecidas, mas que determina o que é dito na atualidade, o interdiscurso é a produção de dizeres ao longo da história, segundo a autora “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2005, pg 33).

O discurso dos homens que nomeia Maria a precede, no entanto é neles que o discurso acontece, pois

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. (ORLANDI, 2005, pg 35)

Djamila demonstrou essa dupla vulnerabilidade que recai sobre o corpo da mulher negra vivido por Maria em sua obra Lugar de Fala, a autora assevera que

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: **nomear**. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto. (RIBEIRO, 2017, pg 25, grifo nosso).

A despeito dos cenários violentos narrados por Evaristo, sua obra carrega especial poética, envolvendo o leitor na brutalidade da ficção-realidade de forma ritmada, entre o passado e o presente, como espécie de fuga, devaneio, poesia, imaginando outros cenários e fugindo do que está sendo descrito, brincando com as palavras, ressignificando subjetivamente muitas outras, como “faca a laser que corta até a vida” (EVARISTO, 2014, pg 26).

Evaristo nos conduz em uma narrativa que mostra a humanidade e doçura para além de toda bruteza, afinal, mesmo colocando sangue pela boca Maria se perguntava, “Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2014, pg 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da violência das obras literárias pode aparecer de diversas formas, ao longo das obras de Conceição Evaristo e em específico o conto objeto dessa discussão a violência é apresentada em seu eixo social, desvelando confrontos que tem como pano de fundo a construção do Brasil em clara desigualdade racial e social.

A violência epistemológica pode ser identificada através da reação e necessidade de dar nome e cor aos personagens, que leva ao fim do mutismo da realidade negra e sobretudo da mulher negra na literatura canônica.

A violência linguística, que perpassa a construção do discurso em todo seu caráter memorial e ideológico, apresenta-se na escolha dos termos comumente usados para identificar a mulher negra.

A violência de gênero pode ser vista pela forma que Maria é calada, subjugada e agredida.

Conceição Evaristo fala de um lugar que lhe pertence e conduz o leitor a desenvolver um olhar afro-centrado e decolonial.

Por fim, tomando como referência a conceituação de Bourdieu sobre campo literário como um espaço de poder, sugere-se um estudo ainda mais profundo do impacto das obras de Conceição Evaristo na apropriação desse campo de forma individual e coletiva, levando a si e outros autores de temáticas correlatas a se solidificarem na literatura contemporânea enquanto sujeitos de poder e de reescrita da história através da literatura.

Palavras-chave: Mulher negra; Violência de gênero, Ruptura, Discurso.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 11. ed. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 1989.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1996.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1º edição. Rio de Janeiro: **Pallas: Fundação Biblioteca Nacional**, 2017 (1º ed., 6º reimpressão).

FANON, Frantz. Pele Negra Máscaras Brancas. Salvador: **EDUFBA**, 2008 .

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: **Pontes**, [1999], 2005a.

RIBEIRO, Djamila. . O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: **Letramento**, 2017. (Feminismos Plurais).